



Vivências de mulheres que consomem crack

Experiences of women who use crack

Vivencias de mujeres que consumen crack

Vania Dias Cruz¹, Michele Mandagará de Oliveira¹, Valéria Cristina Christello Coimbra¹, Luciane Prado Kantorski¹, Leandro Barbosa de Pinho², Jeane Freitas de Oliveira³

Objetivou-se conhecer as vivências de mulheres que consomem crack. Pesquisa qualitativa, realizada por meio de entrevista semiestruturada, com 16 mulheres cadastradas na Estratégia de Redução de Danos de Pelotas, RS, Brasil, em 2012. Para análise dos resultados, utilizou-se a análise de conteúdo, na modalidade análise temática, sob a ótica das relações de gênero. Os resultados foram agrupados em duas categorias: Preconceito, prostituição e situações de criminalidade e Relações familiares e de amizade. Identificaram-se mulheres rotuladas pela sociedade como criminosas e que sofrem com situações de preconceito diariamente, por não apresentarem comportamentos sociais e culturalmente esperados para as mulheres, como sexo dócil e frágil. Eventos desfavoráveis durante a infância foram constatados, no entanto, identificou-se uma rede de solidariedade entre as pessoas que consomem essa droga. A partir do gênero, pode-se perceber a organização concreta e simbólica da vida social dessas mulheres e as conexões de poder nas relações entre os sexos.

Descritores: Usuários de Drogas; Cocaína Crack; Mulheres; Identidade de Gênero.

This study aimed to understand better the experiences of women who consume crack. It is a qualitative research conducted through a semi-structured interview with 16 women registered in the Estratégia de Redução de Danos de Pelotas/RS [Harm Reduction Strategy of Pelotas/RS/Brazil], in 2012. For data analysis, one used the content analysis, in the modality thematic analysis, from the perspective of gender relations. The results were grouped into two categories: prejudice, prostitution and crime situations and family and friends relationships. One identified women labeled by society as criminals who suffer daily with situations of prejudice, for not having a behavior socially and culturally expected for women, such as being docile and fragile. Adverse events during childhood were identified, however, there was a network of solidarity among people who consume this drug. Based on genders, it can be seen the concrete and symbolic organization of these women's social life and the connections of power in gender relations.

Descriptors: Drug Users; Crack Cocaine; Women; Gender Identity.

El objetivo fue conocer experiencias de mujeres que consumen crack. Investigación cualitativa, por medio de entrevista semiestruturada, con 16 mujeres registradas en la Estrategia de Reducción de Daños de Pelotas, RS, Brasil, en 2012. Para análisis de los resultados, se utilizó el análisis de contenido, en la modalidad análisis temático, basada en las relaciones de género. Los resultados se agruparon en dos categorías: Prejuicios, prostitución y situaciones de criminalidad y Relaciones familiares y de amistad. Se identificaron mujeres etiquetadas por la sociedad como criminosas y que sufren con situaciones cotidianas de prejuicios, por no presentaren comportamientos sociales y culturalmente esperados para mujeres, como docilidad y fragilidad. Eventos desfavorables en la niñez fueron constatados, sin embargo, hay una red de solidaridad entre aquellas que consumen esta droga. Del género, se percibe organización concreta y simbólica de la vida social de estas mujeres y conexiones de poder en las relaciones de género.

Descritores: Consumidores de Drogas; Cocaína Crack; Mujeres; Identidad de Género.

¹Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS, Brasil.

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.

³Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil.

Autor correspondente: Vania Dias Cruz

Barão de Azevedo Machado, Bl – 623 A, Apto 21, Centro CEP: 96020150. Pelotas, RS, Brasil. E-mail: vania_diascruz@hotmail.com

Introdução

Este artigo trata de questões relacionadas às vivências de mulheres que consomem crack, cuja reflexão teórico-filosófica teve como base as relações de gênero.

Pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz em parceria com a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas com uma população de 7.381 pessoas usuárias de crack e/ou similares no Brasil, identificou que o consumo dessa substância prevalece entre os homens com idade média de 30 anos, “não-brancos”, solteiros, com baixa escolaridade (4º a 8º série do ensino fundamental), que se encontram em situação de rua e trabalhando de maneira informal. Quanto ao consumo de substâncias psicoativas entre as mulheres foi identificado que cerca de 10% estavam grávidas e mais da metade já tinham engravidado pelo menos uma vez depois de ter iniciado o consumo de crack, 29,9% praticavam a prostituição e 44,5% relataram já ter sofrido violência sexual⁽¹⁾.

O consumo de crack e outras substâncias psicoativas entre as mulheres ainda é pouco investigado no Brasil. Informações de bases nacionais destacam barreiras de ordem estrutural, social, sistêmica, cultural e pessoal enfrentadas por essa população para busca de tratamento e assistência à saúde⁽²⁾. O preconceito e o estigma dos profissionais de saúde frente às mulheres que usam substâncias psicoativas constitui-se em uma preocupação política e financeira, pois a desaprovação social contribui para manutenção do consumo às escondidas, aumentando a vulnerabilidade a diversos riscos e danos à saúde⁽²⁾. Além disso, à medida que o consumo de crack vem aumentando, diferenciações na cultura do uso também vêm ocorrendo, pois muitas praticam a prostituição como meio de obtenção da substância psicoativa⁽³⁻⁴⁾.

Mulheres que consomem substâncias psicoativas, dentre elas o crack, possuem necessidades específicas e singulares que precisam ser identificadas e reconhecidas pelos enfermeiros e demais profissionais

de saúde, sob a perspectiva de gênero, na sua prática, justificando a realização deste estudo. Essas situações e necessidades, de um modo geral, estão associadas com: o padrão de consumo de crack; gravidez; responsabilidades nos cuidados com crianças; trabalho com sexo; traumas decorrentes de abuso físico e sexual; níveis elevados de problemas de saúde mental; baixa autoestima e estigma devido o papel social de “ser mulher”⁽²⁾.

Dessa forma, a perspectiva de gênero vem sendo identificada como uma poderosa abordagem a fim de reconhecer o impacto do consumo de crack na sociedade, sendo compreendida através dos sistemas de signos e símbolos que destacam as relações de poder entre as pessoas⁽⁵⁾. Nesta pesquisa, gênero é entendido como um elemento constitutivo de relações sociais, sendo considerado o primeiro modo de dar significado às relações de poder, por meio do qual é possível decodificar e compreender as relações complexas presentes nas interações humanas⁽⁶⁾.

Nesse sentido, questiona-se: Quais as experiências vividas por mulheres que consomem crack? Partindo da questão de pesquisa apresentada, o presente artigo teve como objetivo conhecer as vivências de mulheres que consomem crack.

Método

Pesquisa qualitativa, realizada com 16 mulheres cadastradas na Estratégia Redução de Danos de Pelotas. A referida estratégia faz parte do organograma da Secretaria Municipal da Saúde e está vinculado à Gerência do Programa de Doenças Sexualmente Transmissíveis, sendo entendido e organizado dentro da perspectiva do Programa de Redução de Danos.

A indicação das participantes foi feita pela equipe de Agentes Redutores de Danos, que atua na Estratégia Redução de Danos, de acordo com os seguintes critérios de inclusão: ser mulher, maior de 18 anos, estar cadastrada no serviço devido consumo de crack, atual e/ou em algum momento da

vida. A seleção das participantes ocorreu de forma intencional, de acordo com quem se encontrava nos domicílios e nos diferentes locais de acesso dos redutores de danos.

Os dados foram coletados em janeiro de 2012, mediante aplicação de entrevista semiestruturada, guiada por roteiro previamente elaborado com questões referentes às vivências no consumo de crack. As entrevistas foram realizadas durante o trabalho de campo dos Agentes Redutores de Danos, nos diferentes bairros da cidade, oportunizando conhecer o contexto das participantes. Das 16 entrevistas, 13 foram realizadas no local de moradia das mulheres, duas em uma casa destinada ao consumo de crack e uma no local de trabalho (guardadora de carro), no centro da cidade. Não houve contato prévio e nem agendamento com as participantes, sendo explicado o objetivo da pesquisa no momento da entrevista.

Cada entrevista teve duração média de 45 minutos. Para garantir a fidedignidade das falas, as entrevistas foram gravadas em equipamento eletrônico e transcritas na íntegra. O anonimato das participantes foi garantido, identificando-as pelo uso da letra E (entrevistada) seguido pelo número indicativo da entrevista. Assim, a primeira entrevistada obteve a codificação E1 e a última, E16.

A análise dos dados foi embasada na análise de conteúdo, na modalidade análise temática⁽⁷⁾ sob a ótica das relações de gênero^(6,8). Assim, os dados foram analisados em três fases distintas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados obtidos e interpretação⁽⁷⁾.

Durante a pré-análise houve a ordenação dos dados obtidos nas entrevistas, incluindo: transcrição, leitura, organização do material e retomada das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa; na Exploração do material foi desenvolvida a classificação dos dados por meio da leitura exaustiva dos dados oriundos das entrevistas, identificando as ideias centrais e as categorias empíricas, retomada da

revisão de literatura sobre as mulheres que consomem crack na perspectiva de gênero e a constituição de um 'corpus' que foi reagrupado de acordo com a categoria vivências de mulheres que consomem crack; o Tratamento dos resultados obtidos e interpretação foi marcado pelo momento em que a pesquisadora propôs as inferências e realizou interpretações de acordo com as relações de gênero⁽⁷⁾.

Em relação à construção das relações de gênero, essa é composta por quatro elementos fundamentais que se inter-relacionam e influenciam os processos socioculturais: 1) existem símbolos construídos culturalmente que evocam representações múltiplas e com frequência contraditórias e não necessariamente excludentes; 2) há conceitos normativos que evidenciam e interpretam os símbolos, expressos por meio de doutrinas religiosas, produções científicas, educativas; 3) é destacado que gênero é construído nos sistemas de parentesco, na economia e na organização política, que atuam independentemente; 4) é necessário avaliar como as identidades de gênero são construídas e relacionar com as organizações e representações sociais historicamente situadas⁽⁶⁾.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa foram seguidos os preceitos da Resolução nº. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, respeitando o anonimato das mulheres estudadas. O projeto recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas sob o parecer nº 63/2011.

Resultados

Os resultados do presente estudo foram agrupados nas seguintes categorias: Preconceito, prostituição e situações de criminalidade e Relações familiares e de amizade. As mulheres entrevistadas são em sua maioria, negras ou pardas, possuem entre 19 e 48 anos de idade, se encontram em situação social e econômica desfavorecida, trabalham de forma informal, possuem companheiro e tem pelo menos 1 filho.

Preconceito, prostituição e situações de criminalidade

Para as participantes, as mulheres que consomem crack são rotuladas pela sociedade como criminosas, profissionais do sexo e irresponsáveis. Esses rótulos não estão condizentes com padrões de comportamento social e culturalmente esperados para as mulheres, as quais são vistas como sexo dócil e frágil. Nesse contexto, elas vivenciam situações de preconceito diariamente. A partir da concepção de gênero alguns comportamentos são definidos pela cultura como sendo pertencentes a um ou outro sexo, aos quais o homem e a mulher devem ancorar seus comportamentos para serem reconhecidos como tais. *A mulher quando fuma crack, é taxada como prostituta, e não é bem assim, eu trabalho se tiver que trabalhar. O homem é ladrão, e eu conheço vários trabalhadores que são usuários de crack, vários pais de família que ninguém imagina. Nós somos rotulados perante a sociedade (E4). Tu sai do bairro e já te olham com outros olhos, se a mulher estiver mais magrinha já falam que é pedreira ou que está se prostituindo para comprar a pedra (E13). Para o homem já fica ruim usar o crack, imagina para mulher? Ainda mais quando tem filho, por que às vezes eu deixava a minha filha com a minha mãe e me jogava na loucura (E15).*

Na tentativa de impor mais respeito e, conseqüentemente, de se proteger da violência das ruas, a adoção de medidas como cortar o cabelo e se vestir com roupas masculinas, foi relatado por uma das participantes da pesquisa. Tal comportamento se caracteriza como uma transgressão para os gêneros, no qual a mulher se emanciparia por meio da liberação de alguns aspectos masculinos de sua personalidade. *A mulher usuária de crack é muito judiada na rua. Eu andava de boné, camiseta e uma garrafa de cachaça; brigava igual a homem para me defender por que senão me roubavam o crack, ou a cachaça ou o meu dinheiro ou me espancavam por ser mulher, por que é um alvo fácil, eu aprendi a me defender (E3).*

O envolvimento com a prostituição foi apontado pela maioria das participantes, confirmando-o, primeiramente, como uma forma de se sustentar

e depois como uma maneira de adquirir a droga desejada. De acordo com os relatos, a venda do corpo, foi simbolizada, por algumas mulheres, como uma estratégia que lhes proporciona autonomia, poder e algumas vantagens frente aos homens, sobretudo, para aquisição de drogas. *O homem eles vêem como um lixo e a mulher eles tiram proveito. Para mulher é mais fácil usar a droga, é só transar ou vender o corpo, já o homem, se ele não levar dinheiro ou não traficar, ele não ganha (E5). Jamais eu vendi meu corpo por menos de 50,00 e sempre digo assim não troco meu corpo por pedra nenhuma. Eu faço isso para me sustentar, eu tenho meu vício, mas não é para isso que eu uso meu corpo (E6). Se eu tivesse um serviço eu não estaria na batalha (prostituição), eu quero sair, eu quero um serviço, se eu conseguir eu paro com tudo (substâncias psicoativas) (E7).*

A maioria das mulheres nega a prática de condutas criminosas, frisando não necessitar roubar para adquirir dinheiro ou mesmo conseguir o próprio crack. *Tenho que me achar no meu mundo que é dos loucos, eu não sou a pessoa que rouba. Eu tenho que mostrar a pessoa de respeito que eu sou mesmo usando drogas ou me prostituindo, pois é do meu sacrifício, não pego nada de ninguém (E6). Nunca roubei, nunca vou roubar, eu quero morrer apitando uma campainha. Para usar droga não precisa roubar, não precisa fazer coisa errada (E16).*

O furto e tráfico de substâncias psicoativas foram práticas adotadas por algumas das participantes em algum momento da vida, para aquisição de drogas, conforme relatos a seguir. *Eu mais fumava do que vendia. Ali na quadra do meu serviço, os caras me procuravam para buscar (crack) (E1). Eu roubei 2.500 reais de um ex-marido, ele era traficante, fumei em duas semanas, sozinha (E2). Teve um tempo que eu roubava nas lojas (roupas). Eu era bem mais nova (E9). A sociedade acha que nós não usamos crack, mas as mulheres são piores que os homens. A minha mãe veio morar aqui e foi embora porque eu tirava tudo dela, todo dinheiro (E11).*

A casa e a rua: relações familiares e de amizade

Os problemas familiares estão presentes na vida de algumas mulheres que consomem substâncias psicoativas, no entanto, percebe-se por meio dos relatos, que o fator desencadeante para tal situação

não ocorreu em decorrência do uso do crack. Os modos de vida nas famílias contemporâneas vêm se transformando, criando novas articulações de gênero e gerações, elaborando novos códigos. Ampliou-se as possibilidades das mulheres no mundo social, abalando os laços familiares e tomando elasticidade, muitas mulheres vem adotando comportamentos que eram comuns apenas entre os homens, apresentando cada vez mais resistência a imposição de limites pelo simples fato de ser homem ou mulher. *Eu não conheço meus pais legítimos, eu morei com minha mãe adotiva até meus 10 anos, 5h da tarde eu não podia sair mais de casa por que era menina, aí eu fugi de casa, ganhei minha gurria com 11 para 12 anos e fui para rua (E7). Meu pai saiu de casa quando eu tinha 5 anos. Minha mãe tomava álcool, eu saí de casa com uns 12 anos porque eu não me dava bem com o meu padrasto. Problema com a minha família eu tive desde que nasci independente de usar ou não o crack (E8). Eu saí de casa porque meu pai me batia, fui trabalhar de babá, mas os amigos do meu pai me acharam, contaram para ele e me levaram para casa. Só que ele voltava a me bater e eu fugia novamente (E9).*

Ao contrário das relações conturbadas existentes com os familiares, parece haver uma rede de solidariedade e afinidade com as pessoas que também consomem crack. Ainda hoje se percebe a existência de diferenciação entre os sexos em relação a identidade do masculino e do feminino. Não apenas as mulheres aprendem a ser femininas e submissas, mas também os homens são vigiados na manutenção de sua masculinidade e proteção dessas “mulheres indefesas”. *Tive muita amizade na rua como até hoje eu tenho, eu era muito respeitada pelos marginalzinhos, mas por que eu não roubava a droga deles. Eu cuidava o cachimbo deles e era amiga. Eu dormia do lado do mendigo e ele ficava me cuidando porque eu era mulher, porque podia aparecer algum desconhecido e tentar me agarrar (E3). Meu filho, as gurias e os guris que estão aqui são a família que eu encontrei, a gente se dá tudo bem (E16).*

Discussão

De forma diferenciada, as entrevistadas convivem com a violência, o crime, o tráfico e o consumo de crack e outras drogas como práticas de

natureza diária. Essas práticas são compreendidas por um posicionamento ativo contra os valores sociais predominantes na sociedade, na qual a mulher é considerada frágil, passiva, submissa e única responsável pelo cuidado dos filhos e da família⁽⁹⁾. As estratégias de resistência representam uma resposta à opressão e às contradições a que os oprimidos estão expostos, sendo rara a aceitação de comportamentos apropriados ou papéis sexuais determinados culturalmente. Assim, o consumo de substâncias psicoativas demonstra resistência a opressão e, paralelamente, denuncia o mito da passividade feminina⁽¹⁰⁾.

Na tentativa de demarcar resistência as opressões sociais e culturais, as mulheres entrevistadas vivenciam situações de discriminação geradas por preconceitos relacionados ao consumo de drogas e as ações vinculadas a esta conduta, tais como a prostituição, furtos e roubos e, sobretudo, irresponsabilidade com os filhos. O preconceito reforça as marcas da divisão social de classes e preserva as relações de poder do homem sobre a mulher, construídos na sociedade e fundamentados em papéis, identidades e comportamentos normativos que influenciam a construção de relações de gênero. Logo, o preconceito gera situações de vulnerabilidade a agravos sociais e de saúde.

Gênero é responsável por dar sentido às distinções entre os sexos, pois transforma seres biologicamente macho e fêmea em homem e mulher, seres sociais. A diferenciação entre os sexos pressupõe as características que constituem a identidade do masculino e do feminino, ou seja, não apenas as mulheres aprendem a ser mães, femininas e submissas, e são controladas nisto, mas também os homens são vigiados na manutenção de sua masculinidade e virilidade⁽⁶⁾.

As relações de gênero apontadas como relações de poder são marcadas por hierarquias, desobediência e desigualdades, no qual estão presentes múltiplas tensões de negociação, de cooperação, de conflitos e alianças, não se reduzindo apenas em relações de

dominação de um grupo sobre o outro. O poder deve ser compreendido como um mecanismo que por meio de lutas incessantes, as transforma, as reforça e as inverte, seja através da manutenção dos poderes masculinos, seja na luta das mulheres pela ampliação e busca desse poder⁽⁶⁾.

Um estudo realizado na Espanha com um grupo de mulheres usuárias de substâncias psicoativas constatou a existência de conflitos de papéis ou incertezas quanto às funções atribuídas ao ser mulher, pois quando elas decidem dedicar um tempo para si, aos seus prazeres, sentem-se culpadas ou são julgadas pela sociedade por não estarem cumprindo o seu papel de boa mãe e dona de casa. Nessa perspectiva, o consumo do crack pode ser entendido como uma estratégia para enfrentar e tentar transformar uma vida marcada pela discriminação, limitando-se em uma busca constante por prazer focada somente no presente⁽⁹⁾.

Embora, culturalmente, o status da mulher que consome substâncias psicoativas é carregado por estigma e preconceito, cada uma delas vive em situações diferenciadas, não sendo ideal as ver como um grupo de “drogadas”, uma vez que nesta categoria elas podem se apresentar de diferentes maneiras, tais como: adolescentes, grávidas, casadas, solteiras e homossexuais, enfim, cada uma apresenta um estilo de vida próprio, no qual sua visão de mundo pode diversificar^(3,8). Dessa forma, ao analisar processos de subjetivação de pessoas que convivem em um determinado contexto, é necessário reconhecer a existência de características específicas, evitando transformar um único elemento como a identidade do grupo⁽⁶⁾.

Diante de conceitos conflituosos a população tende a considera-los antagônicos, se você escolhe um automaticamente ignora outro, como igualdade versus diferença e indivíduo versus grupo, no entanto Joan Scott argumenta que tratar tais conceitos como excludentes significa perder o ponto de suas interconexões; estes termos devem ser tratados como paradoxos, interdependentes e que estão em

constante tensão e não oposição⁽⁶⁾.

O uso de vestimenta masculina no intuito de se defender das ameaças presentes na rua, permite compreender que as relações de gênero, entendidas como relações de poder, estão em constantes transformações, sendo influenciadas por relacionamentos interpessoais e intergrupais, políticas, formas de liderança e culturas, podendo reforçar ou exigir mudanças de atitudes e comportamentos das pessoas⁽⁶⁾. Nesse sentido, percebe-se a existência de fluxos constantes e dinâmicos de relações de gênero, no qual o contexto da rua exigiu dessa mulher uma nova identidade subjetiva.

Alguns comportamentos são definidos pela cultura como sendo pertencentes a um ou outro sexo, aos quais o homem e a mulher devem fundamentar seus comportamentos para serem reconhecidos como tais, configurando-se como uma transgressão de gênero, por meio da liberação de alguns aspectos masculinos da personalidade das mulheres (trabalho, vestimenta, competição) e alguns femininos da personalidade do homem (afeto, paternidade responsável, cuidados da casa e beleza)⁽⁶⁾.

Por meio das entrevistas, percebe-se que algumas mulheres acabam se envolvendo na prostituição por necessidade financeira, enquanto outras trocam seu corpo por pedra ou pelo valor correspondente para sustentar seu vício. Um estudo realizado com mulheres profissionais do sexo que consomem crack, identificou que a vida que elas levam é extremamente estressante, sendo expostas no seu local de trabalho a diversos perigos, como assédio por bandidos, intimidações por parte de seus clientes e líderes (cafetões), além de ameaças de violência por seus próprios parceiros regulares, sendo, muitas vezes, o consumo do crack considerado indispensável a fim de enfrentar essas situações⁽⁴⁾.

Muitas mulheres se envolvem na prostituição por não possuírem um emprego e salário digno, sendo diversos os fatores socioeconômicos e psicológicos determinantes, dentre eles: a migração para centros urbanos, a falta de emprego, envolvimento com

substâncias psicoativas, condições de vida subumanas, a baixa escolaridade, a falta de projetos de vida e perspectivas, traumas de infância e a falta de apoio familiar⁽¹¹⁾.

Contudo, um estudo que teve por objetivo refletir sobre as mútuas implicações da relação possível entre prostituição feminina e direitos sexuais como campos políticos, afirma a existência de mulheres que se envolvem na prostituição por prazer e pela busca de autonomia financeira, sendo destacado que essas mulheres percebem os riscos da prostituição e do consumo de substâncias psicoativas de forma diferenciada daquelas pessoas que não se ocupam dessa atividade. Enquanto para os profissionais de saúde tais práticas são consideradas de grande risco, para profissionais do sexo significa diversão e relaxamento e, muitas vezes, faz parte do contexto social no qual estão inseridas⁽¹²⁾.

A questão que envolve a sexualidade de profissionais do sexo é complexa, pois se encontra submetida a diferentes hierarquias que se articulam com as visões de gênero e de trabalho, produzindo formas de opressão únicas. Porém, o fato de se envolver na prostituição oferece possibilidades de questionamento, resistência e luta. Dessa forma, afirmar que a prostituta é submetida ao “sexo com estranhos” é não compreender as lógicas de recusa e os prazeres que perpassam essas relações, no qual a mulher tem o poder de vender o seu corpo^(6,12).

Na presente pesquisa, identificaram-se mulheres que preferem se envolver na prostituição ao invés de traficar substâncias psicoativas ou roubar. Um estudo realizado com trabalhadoras do sexo do município de Coxim, Mato Grosso do Sul, identificou que o envolvimento de mulheres na prostituição, apesar de reprovado moralmente, quando comparado ao tráfico de substâncias psicoativas e/ou ao roubo é visto por elas como uma atitude heroica, um escape para a sobrevivência e uma forma digna de ganhar a vida, pois preferem se prostituir a se envolver na criminalidade⁽¹³⁾.

Nesse contexto, a prostituição pode ser

entendida como uma medida de proteção das mulheres contra o envolvimento no crime, explicitando o domínio que apresentam sobre seu corpo, no qual é vendido a fim de obter o que necessitam. Nesta perspectiva o corpo aparece como um elemento privilegiado de manifestação de poder, configurando uma prática da autonomia da mulher em relação aos homens, que só poderão ter acesso ao seu corpo por meio do pagamento de serviços sexuais, explicitando fortes relações de gênero.

O feminismo evidenciou por muito tempo o desenvolvimento de identidades de gênero relacionadas a passividade de valores e atitudes conservadores impostas pela sociedade, porém, atualmente as mulheres vem abarcando uma resposta ativa às contradições sociais na tentativa de solucionar as mensagens antagônicas que recebem. Assim a prostituição, pode ser interpretada como um protesto de insatisfação e inconformismo as situações opressivas que vivenciam, mostrando a capacidade de dominação feminina⁽¹⁰⁾.

A complexidade do fenômeno do uso de substâncias psicoativas se encontra atrelado às amarras sociais, políticas e morais⁽¹¹⁾. As mulheres que consomem crack são vistas pela sociedade como “desviantes”, servindo como marcadores que dividem as mulheres entre boas e más. Nessa perspectiva, há um contínuo que, por um lado, valoriza as mulheres “corretas”, boas mães, filhas, esposas e donas de casa e, por outro, recusa as que fogem para contramão, como as lésbicas, mães solteiras, usuárias de substâncias psicoativas e trabalhadoras do sexo^(3,14).

Independente do motivo para o envolvimento na prostituição, essa prática quando ocorre associada ao consumo de crack aumenta a vulnerabilidade de se contaminar com doenças sexualmente transmissíveis⁽⁴⁾. É necessário realizar ações que possam amenizar esse quadro e evitar riscos para com a saúde dos envolvidos. No entanto, o enfrentamento desse problema, muitas vezes, é dificultado pelo preconceito, no qual os sujeitos responsabilizam as causas de um problema social como se fossem falhas

morais⁽¹⁵⁾.

Em relação à criminalidade, as mulheres entrevistadas não costumam se envolver nesse tipo de prática, permitindo-lhes conservar algum senso de ordem em suas vidas, demonstrando que são capazes de governar sua vida independente do consumo de substâncias psicoativas e quebrando o tabu de que todas as pessoas que consomem crack são violentas, criminosas e dependentes⁽¹⁵⁾.

As discussões relacionadas ao número menor de mulheres que se envolvem em práticas criminosas, quando comparado aos homens, parecem estar relacionadas aos papéis das mulheres e formas específicas de controle de gênero, sendo considerados como fatores contribuintes para o não envolvimento no crime: a maneira pela qual as mulheres são ensinadas a se comportarem; a socialização das meninas voltadas para o cuidado com o outro, sendo considerado um “escudo” contra o crime e as representações ainda existentes na sociedade de que comportamentos desviantes são naturais entre os homens, apoiando que a diferença entre os sexos ainda é uma realidade⁽³⁾.

Além disso, a mulher apresenta outra arma nas mãos para aquisição de dinheiro considerada mais potente e menos criminosa: a prostituição. Percebe-se pelas falas, que a mulher que se prostitui dificilmente comete delitos, não sendo, assim, considerada criminosa, segundo sua concepção.

Em 2006, do ponto de vista legal passou a ser feita diferenciação entre criminosos e pessoas que consomem substâncias psicoativas, estabelecendo normas para repressão à produção não autorizada, ao tráfico ilícito de substâncias psicoativas e definindo crimes. Contudo esse fenômeno torna-se complexo à medida que ocorre incongruências entre a presente lei e a política de atenção integral ao usuário de álcool e outras drogas⁽¹⁶⁻¹⁷⁾.

Se por um lado temos uma política de saúde que entende a pessoa que consome substâncias psicoativas enquanto um cidadão de direitos, direitos estes que não devem ser negados pelo fato deste

consumir drogas, por outro temos uma legislação sobre substâncias psicoativas (11.343/06) que penaliza este comportamento, e criminaliza o ato de consumir tais substâncias⁽¹⁶⁻¹⁷⁾.

Assim, as mulheres que consomem crack e se prostituem são consideradas menos perigosas do que aquelas que cometem delitos para manter o vício. Contudo a dificuldade de diferenciar essas pessoas acarretam problemas na prática clínica, pois o próprio modelo político acaba colocando o usuário na ilegalidade e as medidas de justiça aparecem como questões a serem solucionadas nos serviços de saúde⁽¹⁸⁾.

Algumas mulheres relataram envolvimento em práticas de roubos (E2, E9 e E11) e tráfico de crack (E1). Pessoas que consomem crack de forma compulsiva tendem a se envolver em pequenos furtos, roubos e depredações de patrimônio público, devido à vontade iminente de usar mais crack⁽¹⁹⁾. Estudo realizado com a clientela do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas de Sobral, Ceará, Brasil, no ano de 2010 identificou que 6,7% dos usuários tinham problemas com a justiça e 5,7% com polícia, possivelmente pelas tentativas de conseguir bens ou dinheiro de forma ilegal para compra das drogas ou pela notificação em conflitos e brigas⁽²⁰⁾.

No presente estudo, o roubo foi uma prática caracterizada por furto aos familiares e companheiros e assalto em lojas e a população de maneira geral, sendo motivado por viver em contextos de extrema pobreza, por características da personalidade das mulheres e para comprar o crack.

Nesse sentido a criminalidade deve ser compreendida como um fenômeno complexo, reflexo de uma cultura de violência e sobrevivência política e econômica em muitos lugares e contextos. Ao contrário do que é reforçado pela mídia, nem sempre as pessoas que consomem crack cometem crimes devido ao uso da substância, mas sim pela sua estrutura de vida e pelo contexto social em que são submetidas⁽¹⁸⁾.

O envolvimento de mulheres com o tráfico de crack, também, foi identificado na presente pesquisa.

Os gestores da segurança pública e a maioria das pesquisas acadêmicas consideram o envolvimento de mulheres no tráfico de substâncias psicoativas como um desvio de comportamento, associado com desespero, a prostituição e, principalmente, vínculos afetivo-conjugais com parceiros que cometem crimes, sendo eles, geralmente, os líderes e elas apenas coadjuvantes⁽²¹⁾.

No entanto, percebe-se que as mulheres vêm assumindo papéis de chefia no tráfico de substâncias psicoativas e outras práticas criminosas. A mulher que se envolve no tráfico apresenta poder sobre as outras e busca seu papel no mundo social. As mudanças ocorridas no mercado de trabalho formal e na sociedade, de maneira geral, refletem também no mercado ilícito, no qual muitas se sentem empoderadas ao assumir cargos de chefia no tráfico e por não necessitarem se prostituir para aquisição de dinheiro e/ou do crack, marcando grandes alterações de comportamento na concepção de masculinidade e feminilidade.

Uma pesquisa realizada com oito mulheres que apresentavam história de envolvimento na rede de tráfico do Rio de Janeiro identificou que diferentes contextos são responsáveis pela inserção dessas mulheres nessa prática, dentre elas: a ausência de oportunidades no mercado de trabalho formal, a oportunidade de pertencer a uma rede de sociabilidade, o desejo de obter status e poder em uma cultura masculinizada e a presença marcante do tráfico nas comunidades populares⁽²¹⁾. Dentre essas motivações, o status de poder apresentou destaque entre as mulheres, sugerindo que o seu envolvimento no tráfico as diferencia das outras, uma vez que elas experimentam o poder outrora somente conhecido pelos homens⁽²¹⁾.

Nessa perspectiva, é interessante destacar as novas inserções das mulheres na sociedade que ultrapassam os papéis padronizados, sugerindo a ocorrência de mudanças de gênero com relação a masculino/feminino, público/privado e ativo/passivo⁽⁶⁾.

A centralidade de práticas criminosas como

atividades masculinas, que circulam nos discursos midiáticos, tende a silenciar e tornar invisível a compreensão das mulheres nesse fenômeno, não havendo de fato políticas governamentais que considerem as características específicas das mulheres envolvidas na criminalidade, reforçando a associação do feminino à passividade e vitimização⁽²¹⁾.

A presença de violência, separação dos pais e consumo de substâncias psicoativas entre os familiares foi constatado como práticas comuns na infância das participantes do estudo, denotando brigas e fugas de casa ainda em sua fase infantil e explicitando a existência de relações familiares conturbadas, sem associação com o consumo do crack.

Diversos eventos desfavoráveis no ambiente familiar são capazes de atuar como indutores no envolvimento de jovens com o abuso de substâncias psicoativas, a saber: perda de um membro da família, o consumo de álcool e outras substâncias psicoativas entre os familiares; brigas e separação dos pais e a presença de violência intrafamiliar física e psicológica⁽²²⁾. Nesse contexto, pode ser sugerido que os conflitos familiares presentes na infância das mulheres deste estudo contribuíram para o seu envolvimento no consumo de crack e outras substâncias psicoativas.

A caracterização das pessoas que consomem crack, geralmente, está relacionada ao isolamento social ou a conflitos e atos violentos⁽¹⁵⁾. No entanto, o presente estudo identificou uma rede de solidariedade entre as pessoas que consomem crack, formados a partir da constituição de vínculos de ajuda e alianças em torno de um objetivo em comum, construindo assim uma nova família.

Uma pesquisa etnográfica realizada com uma população de rua em Pelotas-RS constatou que distintos desejos, interesses e trajetórias convergem na necessidade de tecer uma rede de relações sociais e simbólicas, pois essa população necessita do apoio de outrem, a fim de explorar a rua como um espaço social possível. Assim, podemos inferir que a pessoa que consome crack, bem como aquela outra que

se encontra em transe nas ruas, são excluídas pelo restante da sociedade e por esse motivo tendem a se unir e compartilhar informações e cuidados, criando uma rede de solidariedade a fim de se protegerem⁽²³⁾.

Essas afirmações contrapõem-se ao pressuposto de que as pessoas que vivem nas ruas e que consomem crack são marcadas somente por processos de perda, de afastamento e de isolamento, ao contrário, muitas apreendem a dar novos sentidos às suas vidas, adquirindo novas atitudes e padrões de comportamento fundamentais àqueles que sofrem diariamente com a discriminação e o preconceito e que sobrevivem em condições precárias de vida. Tais atitudes são marcadas pelo compartilhamento do alimento, do abrigo e até mesmo de uma pedra de crack⁽²³⁾.

Aspectos paradoxais nas relações de gênero poderiam dissipar a condição da mulher. Diante de conceitos conflituosos a população tende a considerá-los antagônicos, se você escolhe um automaticamente ignora o outro, por exemplo, mulher que usa substâncias psicoativas versus mulher responsável, morador de rua versus trabalhador. Assim, tratar tais conceitos como excludentes significa perder o ponto de suas interconexões; estes termos devem ser tratados como paradoxos, interdependentes e que estão em constante tensão e não oposição.

Conclusão

A pesquisa possibilitou conhecer vivências de mulheres que consomem crack, identificando especificidades que merecem ser divulgadas e reconhecidas por profissionais de enfermagem/saúde visando uma assistência baseada nas relações de gênero construídas na sociedade.

A análise dos dados sob a perspectiva de relações gênero permitiu conhecer que cada mulher que consome crack se encontra permeada por características específicas, responsáveis por produzir e transformar circunstâncias e experiências concretas de acordo com as necessidades, vontades e a criação de poderes e/ou contra poderes.

Fica evidenciada a complexidade da problemática do consumo de crack pela população feminina, sendo necessário um maior investimento para investigações que tratam sobre a questão, a fim de contribuir na produção de conhecimentos, no fortalecimento e articulação dos serviços de saúde e na elaboração de novas alternativas para o enfrentamento dessa realidade social.

Os dados mostram que o consumo de crack pelas entrevistadas está relacionado com uma busca para enfrentar as diferentes formas de opressão e as poucas perspectivas de mudanças em suas vidas, geradas, sobretudo, por situações de desigualdades sociais e pelo consumo de álcool e outras substâncias psicoativas entre familiares. A presente pesquisa permite sensibilizar os profissionais de enfermagem/saúde frente às mulheres que consomem crack, a fim de ultrapassar as barreiras do estigma que impedem a aproximação com essas pessoas e dificultam a realização de um tratamento de saúde com qualidade.

Colaborações

Cruz VD e Oliveira MM participaram da concepção do estudo, coleta, análise, interpretação dos dados e redação do artigo. Coimbra VCC, Kantorski LP, Pinho LB e Oliveira JF participaram da construção do projeto, revisão, redação e análise crítica do artigo.

Referências

1. Ministério da Saúde (BR). Fundação Oswaldo Cruz. Secretária Nacional de Políticas sobre drogas. Estimativa do número de usuários de crack e/ou similares nas Capitais do País. Brasília: Fiocruz; 2013.
2. Oliveira JF, Paiva MS, Valente CLM. A interferência do contexto assistencial na visibilidade do consumo de drogas por mulheres. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2007; 15(2):247-52.
3. Pardo LS. Género y drogas: Guía informativa: drogas y género: Plan de Atención Integral a la Salud de la Mujer de Galicia. Galicia: Subdirección

- Xeral de Saúde Mental e Drogo dependencias; 2009.
4. Malta M, Monteiro S, Lima RMJ, Bauken S, Marco A, Zuim G.C, et al . HIV/AIDS risk among female sex workers who use crack in Southern Brazil. *Rev Saúde Pública*. 2008; 42(5): 830-7.
 5. Moraes M. Gênero e usos de drogas: porque é importante articular esses temas? In: Moaraes M, Castro R, Petuco D. Gênero e drogas: contribuições para uma atenção integral a saúde. Pernambuco: Instituto PAPAÍ/Gema/UFPE; 2011. p.15-20.
 6. Scott JW. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Rev Educ Realidade*. 1990; 16(2):5-22.
 7. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; 2010.
 8. Scott JW. O enigma da igualdade. *Rev Estud Fem*. 2005; 13(1):11-30.
 9. Romo AN, Gil GE. Género y uso de drogas: de la ilegalidad a la legalidad para enfrentar el malestar. *Rev Trastornos Adict*. 2006; 8(4):243-50.
 10. Borges MTT, Barbosa RHS. As marcas de gênero no fumar feminino: uma aproximação sociológica do tabagismo em mulheres. *Cienc Saude Coletiva*. 2009; 14(4):1129-39.
 11. Aquino PS, Nicolau AIO, Pinheiro AKB. Desempenho das atividades de vida de prostitutas segundo o modelo de enfermagem de Roper, Logan e Tierney. *Rev Bras Enferm*. 2011; 64(1):136-44.
 12. Olivar JMN. Prostituição feminina e direitos sexuais... diálogos possíveis? *Sexualid, salud e sociedade*. 2012; (11):88-121.
 13. Amorim ML, Dias FGA. Retratos falados das trabalhadoras sexuais de Coxim. *Rev rascunhos culturais [internet]*. 2010 [citado 2012 nov 06]; 1(1):111-21. Disponível em: http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2012/07/1ed_artigo_8.pdf
 14. Rodrigues LSA, Paiva MS, Oliveira JF, Nóbrega SM. Vulnerability of women in common-law marriage to becoming infected with HIV/AIDS: a study of social representations. *Rev Esc Enferm USP*. 2012; 46(2):349-55.
 15. Raupp L, Adorno RCF. Jovens em situação de rua e usos de crack: um estudo etnográfico em duas cidades. *Rev Bras Adolesc Conflitualidade*. 2011;(4):52-67.
 16. Ministério da Saúde (BR). Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/Aids. Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas. Brasília: Ministério da Saúde; 2003.
 17. Brasil. Lei Nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. [Internet] 2006 [citado 2011 nov 03]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11343.htm
 18. Malheiro LSB, Macrae E. Trabalho de campo e a construção de políticas para usuários de drogas - a questão dos usos de crack na atualidade: um olhar sobre usuários e usuárias. In: Moraes M, Castro R, Petuco D. Gênero e drogas: contribuições para uma atenção integral a saúde. Pernambuco: Instituto PAPAÍ/Gema/UFPE; 2011. p.53-8.
 19. Dualib LB, Ribeiro M, Laranjeira R. Perfil dos usuários de cocaína e crack no Brasil. Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (UNIAD) – Universidade Federal de São Paulo. [Internet] 2008 [citado 2012 nov 03]. Disponível em: http://www.uniad.org.br/desenvolvimento/images/stories/publicacoes/cocaina/Perfil_dos_usuarios_de_cocaina_e_crack%202007.pdf
 20. Oliveira EN, Silva MWP, Eloia SC, Mororó FWP, Lima GF, Matias MMM. Characterization of the clientele attended in a psychosocial care center - alcohol and drugs. *Rev Rene*. 2013; 14(4):748-56.
 21. Barcinski M. Protagonismo e vitimização na trajetória de mulheres envolvidas na rede de tráfico de drogas no Rio de Janeiro. *Cienc Saude Coletiva*. 2009; 14(2):577-86.
 22. Bernardy CCF, Oliveira MLF. The role of family relationships in the initiation of street drug abuse by institutionalized youths. *Rev Esc Enferm USP*. 2010; 44(1):11-7.
 23. Silva TL. A rua como espaço de interação social: um estudo antropológico das relações entre população em situação de rua e grupos caritativos. *Antropolítica: Rev Contemp Antropol [internet]* 2011 [citado 2012 out.10]. Disponível em: <http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica/article/view/41/pdf>